



## **PHANTASIA: FENOMENOLOGIA NO ESTOICISMO DE EPICTETO**

Fernando Fontoura<sup>1</sup>

**RESUMO:** O correto uso das *phantasiai* é um tema central para a ética do bem viver de Epicteto. Normalmente elas são traduzidas como *impressões* ou *representações*. Mas parece que nos textos das *Diatribes* e do *Encheiridion* podemos verificar um uso duplo de *phantasia*: uma no sentido daquilo que aparece (exterior ao indivíduo) que é o *fenômeno* e outra no sentido do que fazemos com elas (interior ao indivíduo) que é a *representação* (apresenta novamente a/em si mesmo). Aquilo que fazemos com elas faz parte da ética do bem viver de Epicteto, porém aquilo que aparece, antes de fazermos uso disso, é o que trataremos como *fenômeno* (da qual muitos autores traduzem por *impressão*). É aí que vamos discutir nesse texto: qual é a qualidade ou características desse *fenômeno* na ética de Epicteto. Como ele se apresenta ante ao indivíduo antes dele fazer uso das *phantasiai* e qual relação tem ele com o exercício das representações. Como base de fenomenologia para a essa pesquisa usaremos a fenomenologia de Edmund Husserl.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Phantasia*. Epicteto. Fenomenologia. Husserl

**ABSTRACT:** The correct use of *phantasiai* is a central theme for Epictetus' ethics of well-being. Usually they are translated as *impressions* or *representations*. But it seems that in the texts of *Diatribes* and *Encheiridion* we can see a dual use of *phantasia*: one in the sense of what appears (outside the individual) that is the *phenomenon* and another in the sense of what we do with them (interior to the individual) that is the *representation* (presenting again to / in itself). What we do with them is part of Epictetus's ethic of well-being, but what appears before we make use of it is what we will treat as a *phenomenon* (which many authors translate by *impression*). This is where we will discuss in this text: what is the quality or characteristics of this *phenomenon* in Epictetus ethics. How does he present himself before the individual before he makes use of *phantasiai* and what relation does he have with the exercise of *representations*. As a basis of phenomenology for this research we will use the phenomenology of Edmund Husserl.

**KEYWORDS:** *Phantasia*. Epictetus. Phenomenology. Husserl

---

<sup>1</sup> Doutorando de filosofia Capes/Prosup pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), membro do Pórtico de Epicteto, grupo de pesquisadores e admiradores do pensamento do filósofo estoico Epicteto, [fcdafontoura@gmail.com](mailto:fcdafontoura@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

O correto uso das *phantasiai*<sup>2</sup> é um tema central para a ética-epistemológica de Epicteto. Dar *assentimento*<sup>3</sup> a uma *phantasia* é um ato especificamente humano, racional, voluntário (portanto, sujeito ao erro). Dar assentimento às *phantasiai* é uma forma de fenomenologia. Neste sentido, para podermos estudar os conceitos de *phantasia* e *phainomenon*<sup>4</sup> em relação a uma possível *fenomenologia* em Epicteto, é necessário delimitarmos o escopo daquilo que chamamos, hoje, de *fenomenologia* para podermos tentar relacionar com aquilo que está descrito nas diatribes<sup>5</sup> de Epicteto.

Este conceito, *fenomenologia*, em si, faz relação direta com mais dois, sendo o *fenômeno* e o *fenomenismo*. De forma geral e resumida, esse último é uma linha teórica da qual diz (1) que o *fenômeno*, i.é., aquilo que aparece ou que traz uma aparência (manifesta uma), admite uma realidade, porém diferente daquilo que é o *fenômeno* em si ou, noutro sentido, (2) nega qualquer realidade além daquilo que aparece ou se manifesta. Portanto, o *fenomenismo* ou negaria qualquer relação direta entre fenômeno e realidade ou trataria o fenômeno como realidade em si, sendo, este, apenas aparência, pois não teria nada mais vinculado a ele como substrato dessa aparência. Essa linha teórica não corresponde com aquilo que poderia ser uma *fenomenologia* em Epicteto. No entanto, *fenômeno* enquanto *aparência* corresponde ao conceito de *impressão* em Epicteto, tradução para *phainomenon*. No *Encheiridion*<sup>6</sup> 1.5 está escrito: “Então pratica dizer prontamente a toda representação [*phantasia*] bruta: ‘És uma representação e de modo algum a coisa que se apresenta [*phainomenon*]<sup>7</sup>’.” Neste caso, *representação bruta* é uma representação *áspera*, i.é., ainda não devidamente elaborada, polida e, portanto, uma *impressão* um *phainomenon* que não representa aquilo que se apresenta de fato, i.é., o *fenômeno*. Entretanto, Epicteto busca uma correspondência forte em relação a *fenômeno* e realidade, relação tanto epistemológica -

<sup>2</sup> O correto uso das *phantasiai* – χρησις φαντασιῶν – é o objetivo ético maior em Epicteto em seus discursos e no manual. Sobre a tradução de *phantasia* veremos durante a pesquisa; *phantasiai* é o plural de *phantasia*.

<sup>3</sup> *Assentimento* é uma palavra técnica do tópico da lógica estoica que lida com a revisão racional das primeiras impressões que o mundo externo nos imprime. Em Epicteto faz parte de sua teoria da ação e ela, como coloca Epicteto, “[...] lida com a capacidade de aceitar a verdade e recusar a falsidade.” Cf. em FONTOURA, Fernando. *A Ética do Bem Viver em Epicteto*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2007, p. 75 ss.

<sup>4</sup> *Phainomenon* [φαινόμενον] como aquilo que aparece, que é trazido à luz, que se mostra ou se manifesta.

<sup>5</sup> *Diatribes* [διατριβαί] ou Discursos são os livros que seu aluno Flávio Arriano redigiu durante as aulas do filósofo. A partir de agora, nas citações, como D.

<sup>6</sup> *Encheiridion* [εγγχειρίδιον] ou Manual é uma compilação dos *Discursos* ou *Diatribes* também realizado por Flávio Arriano. A partir de agora denominado *Ench*.

<sup>7</sup> ,ARRIANO, Flávio. *O Encheiridion de Epicteto – Edição Bilingue*. Trad. Aldo Dinucci e Alfredo Julien, São Cristóvão/SE: Universidade Federal de Sergipe, 2012, p. 15. Aldo Dinucci traduziu *phantasia* por *representação*.

contra os Acadêmicos e Céticos de sua época -, quanto ética - correlação entre o que *é* e a *verdade*. Essa relação entre *fenômeno* e realidade se dá com a *phantasia* que, em seu processo, o qual tentaremos salientar, poderá (e deverá) ser alcançada uma *phantasia kataleptike*<sup>8</sup>, à qual é critério de conhecimento e verdade. Portanto, *fenômeno* enquanto *impressão* não é suficiente para explicar ou perfazer uma *fenomenologia* em Epicteto, mas pode ser um ponto de partida embora ele não defenda um *fenomenismo* de nenhum tipo.

O paradigma de *fenomenologia* que vamos levar em conta é o de Edmund Husserl por ser uma fenomenologia epistemológica que coaduna com a preocupação, digamos, *intelectualista* e de caráter epistemológico de Epicteto e o correto uso das *phantasiai*<sup>9</sup>. Dentre as características da *fenomenologia* husserliana, destacaremos a descrição, a redução fenomenológica ou *epoché*, a redução *eidética* e a articulação entre indivíduo e mundo. Tanto em Husserl como em Epicteto há uma enorme crença de que através dos fenômenos e de sua elaboração e articulação – para Husserl através da consciência intencional e em Epicteto pelo *hegemonikon*<sup>10</sup> – pode-se chegar às coisas como são, portanto, ao conhecimento e à verdade<sup>11</sup>. Isso se dá, em ambos, através de uma atitude e posicionamento ‘técnico’<sup>12</sup>, frente aos fenômenos e de um esforço racional e consciente daquilo do qual o ser humano é capaz de realizar, não sem percalços e sujeito a erros.

No entanto, mesmo sendo possível uma *fenomenologia* em Epicteto, tentaremos mostrar que sua fenomenologia é do tipo *psicológica* e ou dos fatos da realidade e não *eidética* ou ideal com a proposta de Husserl.

## AQUILO QUE APARECE: O FENÔMENO EM EPICTETO

<sup>8</sup> É uma *phantasia* qualificada como *phantasia compreensiva* ou *adequada*, i.é., aquela que corresponde à realidade.

<sup>9</sup> Outros filósofos depois de Husserl levaram a fenomenologia para outras áreas de investigação. Juan Llambías de Azevedo diz, “Husserl, pues, no se pregunta por el origen del mundo, sino por las condiciones de la posibilidad de su experiencia, de su constitución”, em *La Fenomenologia como Método de la Filosofía*, p. 9. Já para Heidegger, Merleau-Ponty e Sartre a fenomenologia é uma via de acesso ao fundamento do Ser, portanto uma forma de ontologia.

<sup>10</sup> *Hegemonikon* [ἡγεμονικόν], também chamado de *principio governante* ou *hegemonico* é a capacidade racional e diretiva dos seres humanos, em Epicteto.

<sup>11</sup> No caso de Husserl, uma verdade *eidética*, i.é., *formal*, lógica ou das *essências* e não propriamente do objeto “encarnado”. Diz Carlos Alberto Ribeiro de Moura, “[Em Husserl] A orientação natural é aquela em que nos situamos espontaneamente na nossa vida cotidiana, quando nos dirigimos às coisas para manipulá-las. Ela é também a orientação em que se situa o cientista, quando este se dirige às coisas ou ao mundo para conhecê-los, discernindo suas propriedades e relações ‘objetivas’. Na orientação fenomenológica, ao contrário, o interesse não se dirige às ‘coisas’ mas sim aos ‘fenômenos’, quer dizer, aos múltiplos modos subjetivos de doação graças aos quais temos consciência dos objetos”, em HUSSERL, Edmund. *Ideias para uma Fenomenologia pura e para uma Filosofia Fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. 5ª ed. Trad. Márcio Suzuki, Aparecida/SP: Ideias & Letras, 2006, p.16.

<sup>12</sup> É o que Husserl chamaria de orientação ou atitude *artificial* em contraposição à orientação ou atitude *natural*, sendo a primeira a orientação das reduções *eidética* e fenomenológica e a segunda a orientação cotidiana ao lidarmos com as coisas e o mundo. Para Epicteto, poderia ser a atitude de *reserva* intelectual no qual ele repete algumas vezes em seus *Discursos* algo como “Espere ó *impressão* ou *phantasia*, deixe-me ver que és ou o que és.”

Em *Diatribes* Livro I, capítulo XXVIII, linha 33 (do texto grego)<sup>13</sup>, diz Epicteto, “Como chamamos aqueles que se deixam levar pelos *phainomenói*? Loucos.”

Não há uma separação clara em Epicteto para *impressão* e *phantasia*. Muitas vezes parece que ele usa de forma correspondente *phainomenon* tanto para *impressão* quanto para *phantasia*. Nós faremos a divisão entre *impressão* para aquilo que aparece ou se afigura ao indivíduo e *phantasia* como o início do processo do *hegemonikon* em direção a uma *phantasia kataleptike*, i.é., o resultado fenomenológico em Epicteto.

Antônio Carlos de Oliveira Rodrigues, em seu livro *Filosofia do Desapego*, na nota 37 coloca

*To phainomenon*, participio neutro do verbo *phainomai*, eu me mostro, eu apareço, caracteriza-se pelo sentido de “coisa aparente” ou “aparente”. No dicionário técnico epictetiano significa: “não é e se mostra”. É um tipo de *phantasia*. Para tanto usa a citação do *Ench.* I,5: “εὐθὺς οὖν πάση φαντασίᾳ τραχείᾳ μέλετα ἐπιλέγειν ὅτι “φαντασία εἶ, καὶ οὐ πάντως τὸ φαινόμενον.”<sup>14</sup> [trad. De Aldo Dinucci: “Então pratica dizer prontamente a toda representação bruta: “És representação e de modo algum <és> o que se afigura.”]

Aqui, Antônio Rodrigues coloca o termo *phainomenon* como aquilo que aparece mas não é, ou seja, como uma *impressão*. É essa nossa concepção de *phainomenon*, i.é., aquilo que aparece, mas não é uma representação ou evidência da realidade da qual ela se mostra.

No *Encheiridion*<sup>15</sup> onde aparece essa citação acima com a palavra *phainomenon*, Aldo Dinucci, em seu artigo *Phantasia, phainomenon e dogma* em Epicteto, coloca algumas traduções de alguns intérpretes sobre esse termo<sup>16</sup>. Absolutamente todas as traduções que Dinucci menciona colocam *phainomenon* como aquilo que não parece ser o que é, e, portanto, não corresponde a alguma realidade. É, para nós, uma *impressão*, um desvio, uma aparência que se contrapõe à realidade, portanto nos leva tanto ao erro epistemológico quanto ético na busca da verdade. Não está ainda elaborada pelo *hegemonikon* e, então, não é uma *phantasia*. Há uma ligação entre *phainomenon* e *phantasia*, mas diferem quanto à elaboração do *hegemonikon*.

Portanto, trataremos nas *Diatribes* e no *Encheiridion* de Epicteto o *fenômeno* (*phainomenon*) como primeira *impressão*, aquela que pode nos enganar ao parecer algo que não é. Assim ele coloca em D I.XXVIII.9 quando fala que Medeia foi levada pelo

<sup>13</sup> A partir de agora usaremos D II.V.23-25 para indicar as *Diatribes*, Livro, capítulo e linha(s) no texto grego. Para o texto em grego usamos OLDFATHER, W. A. Epictetus – the discourses as reported by Arrian, the manual and fragments. Vol. I Discourses Books I and II, London: Harvard University Press, 1956 e OLDFATHER, W. A. Epictetus – the discourses as reported by Arrian, the manual and fragments. Vol. II Discourses Books III and IV, the manual and fragments, London: Harvard University Press, 1952.

<sup>14</sup> RODRIGUES, Antônio Carlos de Oliveira. *Filosofia do Desapego: a Áskesis de desapropriação epictetiana à luz da Kátharsis do Fédon de Platão*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017, p.29.

<sup>15</sup> Neste artigo usamos a tradução do *Echeiridion* diretamente do grego antigo de Aldo Dinucci e Alfredo Julien, 3ª edição, Universidade Federal de Sergipe: Aracaju, 2017..

<sup>16</sup> DINUCCI, Aldo. *Phantasia, phainomenon e dogma* em Epicteto. In. DINUCCI, Aldo (org.). *Anais do V Seminário Viva Vox*. Aracaju: Infographics, 2018, pp.43-74, p. 48 ss.

*phainomenon*, ou pela *impressão*, ao matar seus filhos. Em D II.I.15 ele fala que assim como as crianças podem ser levadas ao terror por máscaras, i.é., pela *impressão*, também os adultos podem ser influenciados pelos eventos que *parecem* ou *aparecem* terríveis. Neste mesmo sentido de algo parecer mau ou ruim, como *impressão*, em D II.XVI.19 ele fala do exílio e da morte e que devemos não temer essas coisas mas temer o medo que temos delas, pois é um medo – ou uma *paixão* – não adequada, ainda não devidamente elaborada, ainda não uma *phantasia kataleptike*<sup>17</sup>. E uma citação de D I.XXVIII.10, Epicteto diz, “para o homem, a medida de todas as suas ações [*praxeós*] é o que *aparece* [*to phainomenon*].” Nesse sentido, *como* (a)parece para *ele* e como ele tratará dessa *impressão*, ou aceitando o impulso primário dela ou elaborando essa *impressão* em uma *phantasia kataleptike*<sup>18</sup>. Mas Epicteto continua dizendo que essa *impressão* pode ser elaborada de forma certa ou errada, i.é., formar ou não uma *phantasia kataleptike*. Aquele que é levado pelo *phainomenon* é levado ao erro e à perturbação. Em D I.XXVIII.30-31 Epicteto está dizendo que usamos um padrão para medir pesos, uma balança, por exemplo, e que não o fazemos de forma aleatória, mas

onde está envolvida a causa primeira do agir certo ou errado, da prosperidade e da adversidade, do fracasso e do sucesso, aqui nós falamos sem reflexão ou nos precipitamos. Ali não tenho nada como uma balança, nada como um padrão, mas somente alguma *impressão* que apareceu [*τι ἐφάνη*] e imediatamente ajo à *impressão* [*τὸ φανήν*]<sup>19</sup>.

Portanto, *phainomenon* em Epicteto é uma aparência, uma *impressão*, à qual temos que evitar dar assentimento. Nos desvia do conhecimento e da verdade e nos coloca na perturbação. Enquanto *impressão* que nos chega ela é do mundo externo, uma externalidade<sup>20</sup>, portanto, não está sob nosso encargo (*οὐκ ἐφ’ ἡμῖν*<sup>21</sup>). Não é aqui que a natureza humana

<sup>17</sup> *Phantasia kataleptike* dentro das várias formas de tradução, pode ser considerada como uma apreensão correta da razão de dada *phantasia*, portanto, uma apreensão correta do fenômeno. Cf. D IV.V.10-11; ENCH. 1.5; ENCH. 31.3; ENCH.c 42.

<sup>18</sup> Vale lembrar que *ação* em Epicteto não é apenas nem necessariamente um ato físico ou no mundo exterior, mas uma *decisão* ou *assentimento* interno de uma opinião ou julgamento.

<sup>19</sup> ὅπου δὲ τὸ πρῶτον καὶ μόνον αἴτιον ἐστὶ τοῦ κατορθοῦν ἢ ἀμαρτάνειν, τοῦ εὐροεῖν ἢ δυσροεῖν, τοῦ ἀτυχεῖν ἢ εὐτυχεῖν, ἐνθάδε [aqui mesmo] μόνον εἰκαῖοι [falar sem reflexão, ao acaso, *haphazard*] καὶ προπετεῖς [precipitação]. Οὐδαμοῦ [de nenhuma maneira] ὁμοίον τι ζυγῶι [balança], οὐδαμοῦ ὁμοίον τι κακόνι, ἀλλὰ τι ἐφάνη [a impressão que apareceu] καὶ εὐθὺς [imediatamente, diretamente] ποιῶ τὸ φανήν [à impressão].

<sup>20</sup> *Dado externo* não é só em relação ao mundo exterior – *tá ekta*, mas no sentido de que ainda não é encargo nosso como representação, que é a parte da qual essa impressão será “testada” pela nossa faculdade hegemônica (*hegemonikón*). Portanto, aquilo que não é encargo nosso, é externo, externo tanto à *hegemonikón* quanto ao eu moral integralmente falando (*proairesis*).

<sup>21</sup> Em grego *eph’ hēmin* (ἐφ’ ἡμῖν) e *ouk eph’ hēmin* (οὐκ ἐφ’ ἡμῖν) são expressões que diferenciam o que está ao nosso encargo ou poder daquilo que não está sob nosso encargo ou poder, sendo a primeira expressão para *aquilo que está sobre nós* e a segunda para *aquilo que não está sobre nós*. Antônio Carlos Rodrigues escreve, “A locução *eph’ hēmin* combina a preposição *epi* ‘sobre’ com o pronome pessoal locativo *hēmin* ‘nós’. *Epi* mais locativo significa em cima, sobre, indicando contato pleno, estático. A combinação da preposição *epi* com o dativo resulta no seguinte significado, segundo o exemplo a seguir, *to ep’ moi* traduz-se assim: no que está sobre mim, isto é, quanto a mim, no que me concerne.” RODRIGUES, Antonio Carlos de Oliveira. *Filosofia do Desapego: a Askesis da desapropriação epictetiana à luz da Kátharsis do Fédon de Platão*, p. 15.

tem algum poder ou encargo. Não há como evitar essas *impressões*. Mas elas ainda precisam ser elaboradas, examinadas.

### PHANTASIA NÃO EXAMINADA

Uma impressão que afeta a alma torna-se uma *phantasia*<sup>22</sup> quando o indivíduo elabora uma proposição interna. Essa proposição, por exemplo, “isso é mal”, ainda precisa ser examinada, mas já contém aí um juízo de valor que vem dos pré-conceitos já elaborados na vivência do indivíduo. Neste sentido, não é a *phantasia* em si, como acontece com a *impressão*, que afeta a alma, mas algum tipo de crença (*dogma*) sobre ela<sup>23</sup>. Neste sentido, uma *phantasia* é aquilo que o indivíduo já a *re-apresentou* em si mesmo, i.é., já houve alguma elaboração ou participação do *hegemonikon*<sup>24</sup>. Aceitar uma *impressão* (e agir, seja fisicamente ou em forma de assentimento) é deixar-se levar quase como um animal irracional por aquilo que simplesmente aparece. Porém, ser levado por uma *phantasia* sem examiná-la devidamente antes é cometer um erro já, digamos, racional, um erro de assentimento. O assentimento por falta de exame de uma *phantasia* já está no escopo daquilo que acontece com o ser humano<sup>25</sup>. Quais os critérios para verificar se essa *phantasia* é uma *phantasia* adequada ou compreensiva ou se simplesmente é uma *phantasia* não *kataleptike*? Pois podemos receber uma *impressão*, elaborar essa *impressão*, torná-la uma *phantasia*, e ainda assim chegar ao erro ou à falsidade. Uma *fenomenologia* aqui seria os critérios que Epicteto usa para o indivíduo bem elaborar essa *phantasia*. Quais são eles?

D II.XVIII é um capítulo nomeado *Como lutar contra às phantasias*<sup>26</sup>. Essa luta, esse combate é aquele do qual o indivíduo já afirma uma sentença possível sobre alguma coisa, por exemplo, “isso é mal.” É contra essas *phantasias* que temos que lutar para não sermos levados por elas. As *impressões*, como aquelas que nos chegam, podem até nos forçar uma ação ou uma sensação primeira, como o medo ou alguma reação física como correr ou gritar. Mas a afirmação dessa impressão como algo do qual se deve realmente sentir medo, fugir ou gritar se dá quando afirmamos uma sentença proposicional interna. É a partir daí que devemos examinar a *phantasia* e, se necessário, lutar contra ela.

Sobre isso diz Dinucci,

<sup>22</sup> SVF, II, 54: φαντασία μὲν οὐ̄ ἔστι πάθος ἐν τῇ ψυχῇ γινόμενον, ἐνδεικνύμενον ἐν αὐτῷ καὶ τὸ πεποιηκός. Em Ioannes Ab Arnim. Stoicorum Veterum Fragmenta. Vol. II – *Chrysippi Fragmenta – Logica et Physica*. Germany: Steriotipa, 1964.

<sup>23</sup> Dinucci alerta que em Epicteto, um *dogma* é “[...] qualquer opinião ou crença assentida pela razão, seja boa ou má, filosófica ou não.”, DINUCCI, Aldo. *Phantasia, phainomenon e dogma em Epicteto*. pp.43-74, p.63.

<sup>24</sup> Cf. nota 10.

<sup>25</sup> D I.XI é um capítulo sobre um pai que sentia-se mal por ter abandonado sua filha doente e queria saber se havia feito o correto. No diálogo, Epicteto fala, sobretudo, no erro das *phantasias* não examinadas que ocorreram com esse pai. Ou seja, corrigindo os critérios que o fez abandonar a filha doente ele poderia lidar de forma correta com as *phantasias*.

<sup>26</sup> Πῶς ἀγωνιστέον πρὸς τὰς φαντασίας.

[A] analogia da luz evidencia esse fato, o que implica que a causa antecedente da *phantasia* (que é desta a causa próxima e auxiliar) não basta para explicar a *phantasia*. A relação entre sinete e impressão sobre a cera faz do primeiro o agente e da segunda um mero efeito de sua ação; já a relação entre luz e objeto iluminado é distinta, pois se, por um lado, é preciso que haja um objeto para que a luz o mostre, por outro, o objeto não pode ser de modo algum apontado como causa da luz, que efetivamente mostra a si mesma. Em outros termos, ainda que a *phantasia* tenha como causa antecedente o objeto exterior que efetua um movimento ou uma afecção no *hegemonikon*, este, ao receber o movimento (que, podemos dizer, chama a sua atenção para a causa do movimento), inicia o processo de compreender o que o afetou, participando ativamente do processo de perfazimento de *phantasia*, que efetivamente se dá nele e por meio dele<sup>27</sup>.

Aqui Dinucci distingue o objeto exterior que afeta a mente do processo de formação da *phantasia* no próprio *hegemonikon*. É nele que começa o processo de elaboração dos fenômenos. A causa da elaboração da *phantasia* não é a *impressão*, mas o próprio *hegemonikon* que efetua o processo de elaboração e articulação. Diz Dinucci,

Envolvidas no processo de produção da *phantasia* há, podemos dizer, uma ação cinética perpetrada pelo objeto exterior sobre o tecido diretriz (digamos “tecido” para enfatizar o caráter corpóreo do *hegemonikon*) e uma reação qualitativa do próprio tecido que realiza o esforço de interpretar racionalmente o que o afetou através das extensões sensoriais do *hegemonikon*<sup>28</sup>.

Então podemos dizer que um dos critérios de uma fenomenologia epictetiana começa quando elaboramos uma sentença, uma proposição interna sobre aquilo que aparece. Essa proposição interna já carrega, nela mesma, um juízo normativo ou de valor. Em D II.XVIII.23 Epicteto coloca que temos que confrontar aquilo que aparece [*phantasian*] com nossos pensamentos ou proposições internas sobre elas. Lembremos que as proposições internas estão intimamente ligadas às paixões, aos desejos e ao impulso, para o estoicismo. Neste sentido o uso das *phantasiai* tem como ponto fundamental a linguagem interna do indivíduo após a *impressão*, i.é., após aquilo que aparece. Segue então um segundo passo dessa fenomenologia que seria a *epoché*<sup>29</sup> ou suspensão dos juízos. Utilizando uma citação do *Enc.* 45<sup>30</sup>, Marcelo Barreto dos Santos, nos chama atenção para analisarmos, nessa citação o exemplo dado de *phantasia* não *kataleptike*.

<sup>27</sup> DINUCCI, Aldo. *O Conceito Estoico de Phantasia: de Zenão a Crísipo*. In. Archai nº 21, 2017, sep.-dec., pp. 15-38, p.23-24.

<sup>28</sup> DINUCCI, Aldo. *O Conceito Estoico de Phantasia: de Zenão a Crísipo*. pp. 15-38, p.33.

<sup>29</sup> *Epoché* [ἐποχή] é um termo que denota a suspensão dos juízos, de julgamentos. É uma atitude basicamente epistemológica porém com caráter também ético. Em Husserl ela é a atitude básica das reduções tanto *eidética* quanto *fenomenológica*. Diz Husserl, “Em local do ensaio cartesiano de dúvida universal, nós poderíamos fazer surgir agora a ἐποχή universal, no nosso sentido nitidamente determinado e novo. [...] O mundo inteiro posto na orientação natural, encontrado realmente na experiência e tomado inteiramente “sem nenhuma teoria”, tal com é efetivamente experimentado e claramente comprovado no nexa das experiências, não tem agora valor algum para nós, ele deve ser posto entre parênteses sem nenhum exame, mas também sem nenhuma contestação”, HUSSERL, Edmund. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*, p. 81-2.

<sup>30</sup> “Alguém se banha de modo apressado: não digas que ele <se banha> de modo ruim, mas de modo apressado. Alguém bebe muito vinho: não digas que ele <bebe> de modo ruim, mas que <bebe> muito. Pois, antes de discernir a opinião dele, como sabes que ele <age> de modo ruim? Assim, não ocorrerá que apreendas as representações compreensivas [*phantasias kataleptikas*] de umas coisas e dêes assentimento a outras.” – Trad. Aldo Dinucci.

No caso do banho rápido, a *phantasia* não *kataleptike*, diante da qual não devemos dar nosso assentimento, é expressa no seguinte enunciado: “o modo como fulano toma banho é *ruim* [grifo nosso]. [...] Claramente o que diferencia ambos é que este consiste em um juízo de valor, enquanto aquele é a simples constatação de um fato<sup>31</sup>.”

Esta forma de enunciar uma *phantasia kataleptike* tem muito em comum com uma *descrição* do fenômeno, uma descrição fenomenológica tipo husserliana através de uma *epoché* ou suspensão de juízos de valor e/ou normativo. Com essa redução fenomenológica<sup>32</sup> é que a *phantasia* pode torna-se uma *phantasia kataleptike* e assim um critério de *verdade*.

Um último critério da fenomenologia epictetiana que vamos salientar aqui é o papel da *natureza* na forma geral de posicionamento do indivíduo frente à realidade ou às coisas mesmas, sejam externas ou internas. Troels Engberg-Pedersen coloca que o papel da natureza no estoicismo não é apenas conferir valor sobre certos estados ou tipos de comportamento – o correto uso das *phantasiai* é um comportamento interno – no sentido de que se o indivíduo observar atentamente a natureza – externa ou interna – ela o dirá o que é bom e ele poderá – ou deverá, na ética estoica – buscar, então, seguir a natureza<sup>33</sup>. O indivíduo tem um papel subjetivo muito forte mesmo com a *natureza* sendo um critério tanto de correspondência externa quanto de coerência interna frente àquilo que aparece. Em uma das leituras do papel da natureza no estoicismo – à qual Troels chama de *funcionalista* –

[...] o que determina o conteúdo do *telos* humano é alguma coisa que intrinsecamente encontra-se fora do pensamento prático humano: a Natureza estabelecendo valores juntamente com as estruturas físicas que ela cria<sup>34</sup>.

Nesta leitura a *natureza* se coloca “atrás” do pensamento prático do ser humano. Em outra leitura

[...] a explicação do *telos* humano será desenvolvida exclusivamente fora de consideração do pensamento prático humano, o qual não conterà nenhuma referência à natureza além da pura declaração que a maneira no qual essa explicação entende o pensamento prático se desdobrando em si mesmo no ser humano é a maneira na qual ele *de fato*, ou por ‘natureza’, desdobra-se em si mesmo<sup>35</sup>.

<sup>31</sup> SANTOS, Marcelo Barreto dos. *A Phantasia Kataleptike em Epicteto*. In DINUCCI, Aldo (org.). *Anais do V Seminário Viva Vox*. Aracaju: Infographics, 2018, pp 31-42, p. 37.

<sup>32</sup> Em Husserl, a redução fenomenológica ou *epoché* fenomenológica é uma atitude artificial, na contramão de uma atitude natural ou ingênua que temos no dia-a-dia ao encontrar com as coisas do mundo de modo a julgar, valorar ou normatizar esses encontros com os fenômenos. Uma atitude fenomenológica seria colocar, como diz ele, o mundo entre parênteses, não ignorá-lo ou duvidar de sua existência (como em Descartes), mas ter uma atitude de redução ou afastamento dos juízos de valor e normativos. Diz ele, “[...] e fica igualmente em suspenso todo o recurso a qualquer ‘saber’, a qualquer ‘conhecimento’: a investigação deve manter-se no *puro ver* (*im reinen Schauen*), mas nem por isso tem que fixar-se no imanente incluso; é investigação na esfera da evidência pura e, claro, investigação de essências (*Wesensforschung*).” – HUSSERL, Edmund. *A Ideia da Fenomenologia*, 2ª ed. Trad. Artur Morão, Lisboa: Edições 70, 2000, p. 29.

<sup>33</sup> Troels Engberg-Pedersen difere aqui “seguir a natureza” de “de acordo com a natureza”. Para ele o segundo é como viver de acordo com a virtude e não *seguir-la* indiferentemente porque a *natureza* assim ‘orientou’. Viver de acordo com a natureza requer que o indivíduo seja consciente de quem ele é, de sua natureza enquanto ser e que ele mesmo *valore* isso. Cf. capítulo *Nature’s Role* em *The Stoic Theory of Oikeiosis*.

<sup>34</sup> ENGBERG-PEDERSEN, Troels. *The Stoic Theory of Oikeiosis: Moral Development and Social Interaction in Early Stoic Philosophy*. Denmark: Aarhus University Press, 1990, p. 49.

<sup>35</sup> ENGBERG-PEDERSEN, Troels. *The Stoic Theory of Oikeiosis: Moral Development and Social Interaction in Early Stoic Philosophy*, p. 49.

Ambas explicações têm o *telos* humano como referência, considerando ou não um papel maior ou menor subjetivo do indivíduo em relação ao viver de *acordo* com a natureza. Ambas as leituras Troels não concorda, pois ele afirma uma grande atividade subjetiva do indivíduo *apesar* do papel da natureza. E em Epicteto esse papel subjetivo é ainda maior quando coloca que aquilo que está totalmente sob nosso encargo (*eph'hémin*) é o correto uso das *phantasiai*<sup>36</sup>. Para Troels o *bem* objetivo, aquele que procura a coerência entre o interno e o externo, está implicado na visão *subjetiva*, ou seja, na capacidade de manter a *coerência* interna, uma *consistência* na capacidade do correto uso das *phantasiai*. É essa coerência interna que é relevante para Epicteto tanto para viver de *acordo* com a virtude/*eudaimonia* quanto buscar viver no *sereno fluxo de vida*<sup>37</sup>.

### **PHANTASIA KATALEPTIKE**

O processo fenomenológico de Epicteto (e do estoicismo em geral) é finalizado quando aquilo que vem como uma *impressão* na alma a afeta e, após ser elaborada internamente, i.é., *re-apresentada*, torna-se uma proposição, por exemplo, “isso é mal” ou “isso é bom.” A partir de agora o princípio governante (*hegemonikon*) tem o encargo de elaborar essa *phantasia* e torná-la uma *phantasia kataleptike*.

Em D III.XII.15 Epicteto diz, “Assim como Sócrates disse para não vivermos uma vida não examinada, da mesma maneira não devemos admitir uma *phantasia* não examinada<sup>38</sup>.” No mesmo sentido de cima em D II.XVIII.24: “Espere um pouco, *phantasia* [φαντασία], permita-se ver o que você é [περὶ τίνοϛ], permita-se por à prova [δοκιμάσω].”

P. Milton Valente em *L'éthique Stoïcienne chez Cicéron*, diz

A representação [*phantasia*] é a imagem recebida na consciência; como a luz, ela marca a si mesmo e seu conteúdo visível ao *hegemonikon*. [...] Sobre essas representações repousa nosso conhecimento das coisas exteriores. A sensação e a representação são afecções, processos psicológicos sem os quais a alma se mantém passiva<sup>39</sup>.

Neste sentido, *phantasia* já não é mais a primeira impressão (o fenômeno), mas ainda não é uma *phantasia kataleptike*. Mas agora ela já entrou dentro do escopo daquilo que é encargo do indivíduo (*eph'hémin*). Aqui o indivíduo deixa de ser passivo e passa a desenvolver a capacidade (*dynamis*) de lidar com essas impressões. Neste sentido, outra

<sup>36</sup> Em D II.XVIII.28-29 “O homem que se exercita contra tais *phantasias* [φαντασίας] é o verdadeiro atleta em treino. [...] Grande é a luta, divina é a tarefa; o prêmio é um reino, liberdade [ἐλευθερίας], serenidade [εὐροίας], paz [ataraxia].”

<sup>37</sup> Em *A Ética do Bem Viver em Epicteto* defendo que o *telos* do bem viver em Epicteto é a *serenidade* [εὐροια] ou o *sereno fluxo de vida* [εὐροίαν βίου].

<sup>38</sup> οὕτως ἀνεξέταστον φαντασίαν μὴ παραδέχεσθαι.

<sup>39</sup> “La représentation [φαντασία] est l’image reçue dans la conscience ; comme la lumière, elle rend [marca] soi-même et son contenu visible au hégemonikon. [...] Sur cette représentation repose notre connaissance des choses extérieures. La sensation et la représentation sont des affections, des processus physiologiques dans lesquels l’âme se maintient passive. » VALENTE, P. Milton. *L'Éthique Stoïcienne Chez Cicéron*. Paris: Librairie Saint-Paul, 1956, p. 264.

característica da fenomenologia de Epicteto é o *lugar* onde a impressão é re-apresentada, ou seja, no *hegemonikon*.

A capacidade de lidar com as impressões de forma útil ou correta (*chrésis phantasiai*) tem como característica interna a *hegemonikon* ou princípio governante hegemônico. Mas com o que ele tem que contar para bem lidar com as *phantasiai* para torná-las *phantasiai kataleptike*?

Em D I.I.4-6 Epicteto coloca a faculdade ou potência da razão (*dynamis logiké*), i.e., o *hegemonikon*, como o critério do qual é responsável pelo discernimento. “O que mais é que nos diz que o ouro é bonito? O ouro mesmo não nos diz isso. Claramente é a faculdade ou potência que faz uso das *phantasiai*.” E mais adiante ele coloca que essa *dynamis* é aquilo à qual os deuses colocaram sob nosso encargo (*eph'hémin*), sendo todas as outras coisas fora de nosso encargo (*ouk eph'hémin*). Não é a toa que em D I.XXVI.15 ele diz que “O princípio da filosofia é a percepção [*aisthésis*] do estado do próprio *hegemonikon*<sup>40</sup>.”

Troels Engberg-Pedersen alerta que *phantasia kataleptike* não é uma imagem apenas que “espelha” o mundo em correspondência com a verdade e o conhecimento (e não *doxa*). Mas é um estado da mente (ou alma) que percebe o mundo<sup>41</sup>.

Quando a mente está em posse de todas as coisas que vão em direção a *esse* estado, então, e somente então, será dado à crença particular ser tanto verdade como certas<sup>42</sup>.

*Phantasia* é então uma *re-apresentação* mental elaborada em uma proposição, i.e., colocada em uma sentença. E é nessa relação *racional* ou *intelectual* que está a esfera do assentimento e da ação, pois é nessa relação entre aquele que percebe e a coisa percebida e elaborada em uma sentença que o *mundo* se apresenta fenomenologicamente. O que produz, racionalmente ou intelectualmente, a *phantasia* é o *hegemonikon*. Diz Troels,

[...] *phantasia* expressa a ideia de alguma coisa sendo apresentada à mente. [...] Pode ter sido apresentada por algo externo (em uma *phantasia* perceptiva) ou pela mente ela mesma (em uma *phantasia* não-perceptiva). De fato, contudo, uma *phantasia* não é apenas uma alteração na mente, à qual a mente pode reagir. Em vez disso, é parte de uma *phantasia* que tal alteração ao mesmo tempo mostre ela mesma e o que produziu<sup>43</sup>.

Essa produção é uma proposição em forma de sentença. E é em cima dela que o *hegemonikon* deve realizar a elaboração até qualifica-la, a *phantasia*, como *kataleptike*. E uma *phantasia kataleptike* tanto dá assentimento quanto recusa o assentimento de acordo com a essência da verdade e do conhecimento dessa verdade. Neste sentido, a fenomenologia aqui

<sup>40</sup> Αὐτὴ οὖν ἀρχὴ τοῦ φιλοσοφεῖν, αἰσθησις τοῦ ἰδί ἡγεμονικοῦ πῶς ἔχει.

<sup>41</sup> É o estado de *coerência interna* ou *homologia* interna, como ele mesmo coloca.

<sup>42</sup> ENGBERG-PEDERSEN, Troels. *The Stoic Theory of Oikeiosis: Moral Development and Social Interaction in Early Stoic Philosophy*, p. 144.

<sup>43</sup> ENGBERG-PEDERSEN, Troels. *The Stoic Theory of Oikeiosis: Moral Development and Social Interaction in Early Stoic Philosophy*, p. 152.

presente é a interação da mente com o mundo que forma uma crença. O resultado é, de certa forma, uma *imagem* (proposicional) que reflete o mundo, o “espelha”. Neste sentido, é uma forma de articulação mental de forma mais elaborada do que os animais realizam, pois os humanos formam um *lekton*<sup>44</sup>, ou algo a ser possível de ser dito. A fenomenologia de Epicteto está, então, assim como a husserliana, nem no indivíduo nem no objeto, mas na relação entre eles, na articulação entre ambos. A *objetividade* do mundo não se dá no mundo (somente), nem na retirada do humano do mundo, mas na *correta* articulação entre mente e fenômeno. A diferença entre uma *phantasia* e uma qualificada como *kataleptike* é uma diferença de grau na contribuição do *hegemonikon* na relação ao fenômeno (seja perceptual ou não-perceptual). E essa contribuição é uma potência na qual o *hegemonikon* observa e percebe o mundo ou as coisas do mundo. Diz Troels,

[...] o que uma pessoa faz ao ter uma *phantasia* cataléptica e produzir *katalepsis* é *articular a phantasia* mais e mais precisamente até finalmente a descrição da coisa ou evento que forma parte da *phantasia* encontrar exatamente essa coisa ou evento<sup>45</sup>.

Neste sentido, embora a teoria estoica e de Epicteto tenha como pano de fundo uma benevolência divina à qual já direciona *a priori* uma fenomenologia, a diferenciação de cada evento ou coisa do mundo está relacionada com a particular situação do indivíduo. Chegar a uma própria descrição do que é conhecimento e verdade (chegar à evidência última, como diria Husserl) é considerar a situação e contexto particular ao qual se encontra o indivíduo. Epicteto dá algumas advertências sobre isso no caso do diálogo do pai (LXI, *perí filostorgias*) e em outros capítulos e diálogos nas *diatribes*<sup>46</sup>. Troels diz, a *phantasia*

[...] não será algo tanto mais ‘de fora’, mas um resultado de sua atenção [*attending*] compreensiva à situação (de dentro, por assim dizer). A diferença básica, então, entre uma reação de uma pessoa delirante [*frenzied*] e aquela de um adulto é que o anterior não *integra* a presente situação com seus conhecimentos prévios (ou se o faz, apenas de forma rudimentar), enquanto o último o faz<sup>47</sup>.

Portanto, uma *phantasia kataleptike* tem que refletir as propriedades universais do que é um conhecimento e do que é uma verdade. Mas também tem que levar em consideração a situação particular e todas as possíveis informações que o contexto proporciona. A harmonia dessa relação, que é trabalho do *hegemonikon*, descreverá com acuidade a estrutura do mundo no qual o indivíduo está imerso. Como em Husserl, a relação parte todo é uma relação entre o universal e o particular. Ao formar um conhecimento particular, a fenomenologia de Epicteto estará afirmando um valor universal

<sup>44</sup> “They say that a sayable (*lekton*) is what subsists in virtue of a rational *appearance* [*phantasia*], and that a rational *appearance* [*phantasia*] is one by way of which it is possible to present what appeared to reason [em forma de *lekton*].” Richard Bett. Sextus Empiricus Against the Logicians, p.102. Também em SVF, II, 187: “The *lekton* they [Stoics] state to be what subsists in accordance with a rational *phantasia* and a rational *phantasia* is one in accordance with which it is possible to formulate in speech what is presented.” In ENGBERG-PEDERSEN, Troels. *The Stoic Theory of Oikeiosis: Moral Development and Social Interaction in Early Stoic Philosophy*, trad. de Troels, p. 148.

<sup>45</sup> ENGBERG-PEDERSEN, Troels. *The Stoic Theory of Oikeiosis: Moral Development and Social Interaction in Early Stoic Philosophy*, p. 159.

<sup>46</sup> Cf. II.IX, III.XIX, IV.II.

<sup>47</sup> ENGBERG-PEDERSEN, Troels. *The Stoic Theory of Oikeiosis: Moral Development and Social Interaction in Early Stoic Philosophy*, p.161.

por trás disso. Como essas ligações entre o universal e o particular se estabelecem, é uma questão de relação lógica entre a proposição interna e o nexos necessário ou contingente dessa relação com as coisas ou eventos. Merleau-Ponty descreve assim essa(s) relação(ões),

O mundo fenomenológico é não o ser puro, mas o sentido que transparece na interseção de minhas experiências, e na interseção de minhas experiências com aquelas do outro, pela engrenagem de uma nas outras; ele é portanto inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que formam sua unidade pela retomada de minhas experiências passadas em minhas experiências presentes, da experiência do outro na minha<sup>48</sup>.

O processo fenomenológico está, então, atrelado a cada situação ou papel existencial do indivíduo.

Uma fórmula pronta para essa relação lógica necessária entre as pré-concepções do indivíduo, sua situação particular, os valores universais de conhecimento e verdade e uma efetivação de uma *phantasia* cataléptica, Epicteto não dá. Porém, ele deixa claro sua crença positiva de que o ser humano é capaz de obter conhecimento cataléptico do mundo e não apenas um aglomerado de opiniões ou crenças aleatórias. Ao mesmo tempo não há garantia de que o indivíduo consiga realizar isso, por isso sua advertência de que a essência do ser humano está no correto uso das *impressões* e correta elaboração das *phantasiai*, desde que ele exercite seu *hegemonikon* diariamente através de todas as coisas e fenômenos que aparecem a ele. Neste sentido a razão faz parte de sua natureza enquanto universal (Zeus lhe deu essa fagulha divina e a todos os seres humanos) mas é só no uso particular em cada situação que o indivíduo estabelece sua natureza individual e é capaz de acessar as coisas em si mesmas na direção de um assentimento ou recusa de assentimento.

## FENOMENOLOGIA PSICOLÓGICA EM EPICTETO

A fenomenologia husserliana é uma mudança de postura do modo *natural* para o *artificial*. O primeiro é aquele em que *funciona* a psicologia, ou seja, ela como uma ciência empírica é uma ciência ou postura ou modo de ser que lida com *fatos*, *realidades*, eventos reais, que possuem existência efetiva (real) estando inserida no mundo espaço-temporal. Já a percepção fenomenológica lida com uma postura *artificial*, no sentido de lidar ou buscar as essências atemporais e atópicas, que não é a postura daquele que lida com o dia-a-dia com fatos e eventos reais. Neste sentido diz Husserl, “A fenomenologia pura ou transcendental não será fundada como ciência de fatos, mas como ciência de essências<sup>49</sup>.” Para tanto a fenomenologia fará duas *reduções*: a *fenomenológica* e a *eidética*. A primeira, diz Husserl, “[...] em conformidade com o qual poderemos remover as barreiras cognitivas inerentes à essência de todo modo natural de investigar, diversificando a direção unilateral própria ao olhar até obtermos o livre campo da fenomenologia em nosso sentido próprio<sup>50</sup>.” A segunda, a redução

<sup>48</sup> MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura, 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 18.

<sup>49</sup> HUSSERL, Edmund. *Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*, p. 28.

<sup>50</sup> HUSSERL, Edmund. *Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*, p. 27.

eidética, diz ele, é aquela que “[...] leva do fenômeno psicológico à ‘essência’ pura ou, no pensamento judicante, da universalidade fática (‘empírica’) à universalidade de ‘essência’<sup>51</sup>.”

O que parece diferenciar a fenomenologia em Epicteto da de Husserl é que a primeira lida com fatos, realidades empíricas, eventos reais, pois tem um viés claro de efetuar um bem viver também fático e, portanto, a redução que faz é a redução *eidética*, de forma geral, embora, no caso da citação do ‘banho rápido’ acima seja uma forma de redução *fenomenológica*. O que torna a fenomenologia em Epicteto uma fenomenologia *psicológica* é o fato dela preocupar-se com as coisas empíricas e voltadas para um bem viver também empírico. Diz Husserl, “Nossa fenomenologia não deve ser uma doutrina das essências de fenômenos reais, mas de fenômenos transcendentalmente reduzidos<sup>52</sup>.” A fenomenologia de Epicteto, parece ser uma busca das essências dos fenômenos reais, da melhor forma de dar assentimento e ‘controlar’ o *impulso* à uma ação, neste sentido sua teoria da ação é uma teoria psicológica, no sentido husserliano. Juan Llambaías de Azevedo coloca que muitos pesquisadores de outras áreas – psiquiátrica, estética, direito – empregaram o método de redução *eidética* para tentarem descrever de modo mais radical a essência de suas áreas de atuação. Essa forma de redução é prática, lida com dados empírico e está (ou pode estar) voltada a resoluções práticas fundamentais ao conhecimento ou à ação. Próprio da ética de Epicteto é realizar ações que venham através de um correto julgamento, portanto, de um correto uso das *phantasiai*. Próprio da fenomenologia de Husserl é chegar à evidência epistemológica primeira de cada fenômeno através das reduções e assim chegar às verdades fundamentais. No entanto, essas verdades fenomenológicas não são *opiniões* sobre o mundo nem alguma afirmação ou proposição interna que direcione um correto agir. Elas são o substrato, as condições de possibilidades fundamentais de qualquer pensar correto sobre as coisas em si mesmas. É a partir desse substrato que o indivíduo poderá realizar todo o resto que Epicteto afirma ser o necessário para um bem viver. Epicteto está preocupado com a ação (seja no mundo seja interna) e por isso combate o ceticismo quando afirma que os cétricos pirrônicos não distinguem óleo para banho de molho de peixe, pois não fazem uso das *phantasiai*, portanto não fazem nem uma redução *eidética* para chegar à essência das coisas em si mesmas. Ignoram essa diferença pois ignoram que há uma capacidade epistemológica pois não há critérios, para os cétricos, para qual uma epistemologia se estabeleça. No entanto, eles tomam banho com óleo de banho e não com molho de peixe, pois o ceticismo é uma teoria que não pode ser posta em prática, ela é um jogo de palavras que ignora os *fatos*, as coisas reais. O ceticismo é uma aventura apenas intelectual, jamais consegue se efetivar na realidade. E isso não tem sentido para a ética de Epicteto. É um tipo de *fenomenismo* do qual tanto Epicteto quanto Husserl combatem. Em D II.XXII.6 diz Epicteto que não lidar com aquilo que aparece de forma apropriada é ser levado de um lado a outro sem rumo e considerar ora uma coisa, ora outra. Portanto, não consegue perceber o que é falso ou verdadeiro, bom ou mau. Fica então sujeito ao pânico, ao medo, à inveja, à perturbação. O propósito do homem, diz Epicteto em D II.XXIII.42, é

<sup>51</sup> HUSSERL, Edmund. *Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*, p. 28.

<sup>52</sup> HUSSERL, Edmund. *Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*, p. 28.

usar corretamente – de acordo com a natureza – as *phantasiai*, ou seja, a natureza essencial do homem é ser um ser fenomenológico. Todas essas citações nos mostram que uma fenomenologia em Epicteto está voltada para o bem viver fático, real. Para tanto é preciso chegar à essência daquilo que nos aparece através do correto uso das *phantasiai*. Toda uma psicologia está aí envolvida pois estão em jogo paixões, impulso, desejos, razão – *hegemonikon* – em função não de si mesmas, mas em função de uma ação, seja interna ou no mundo exterior. As afecções da alma, suas potencialidades e capacidades estão no centro da fenomenologia epictetiana, o que confere à ela, segundo os critérios da fenomenologia husserliana, uma característica de fenomenologia psicológica.

Para Husserl “O conhecimento natural começa pela experiência e permanece na experiência. Na orientação teórica que chamamos ‘natural’, o horizonte total de investigações possíveis é, pois, designado com *uma só* palavra: o *mundo*<sup>53</sup>.” Ser-no-mundo é a tônica dessa postura natural. E, parece para nós, que essa é a tônica em Epicteto.

O *mundo* seria, tanto para Epicteto quanto para Husserl, um conjunto dos objetos da experiência possível, do conhecimento possível dessas experiências. Epicteto quer convergir esse *mundo* em articulação com o indivíduo para um bem viver. Já Husserl quer andar em direção oposta e ir à verdade fundamental – fenomenológica – que dá o substrato de toda a experiência, seja intelectual ou na experiência real.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vamos salientar agora as semelhanças e diferenças entre uma fenomenologia em Epicteto e a de Husserl.

Em I.XXVII.1-2, Epicteto diz

As *phantasias* veem a nós de quatro maneiras; pois ou as coisas são e parecem ser; ou não são e não parecem ser; ou elas são e não parecem ser; ou elas não são e parecem ser<sup>54</sup>.

As duas primeiras – as que são e parecem ser e a as que não são e não parecem ser – são as *phantasiai kataleptike*, enquanto as duas últimas – as que parecem ser e não são e as que não parecem ser e que são – são as más re-apresentações. Uma questão interessante sobre essa citação é que ele usa o verbo *guignomai* para dar o sentido de apresentar ou de *re-apresentar*. Esse verbo já denota um vir-a-ser, um resultado de uma produção (perceptivo ou não-perceptiva). Que produção é essa? A da *re-apresentação* da *impressão* já com o conteúdo propositivo. Ele não diz que há quatro formas de as *impressões* chegarem a nós, até porque as impressões podem vir de formas possivelmente infinitas. Mas uma vez as *impressões* chegadas a nós, há quatro formas de *re-apresentá-las* a nós mesmos. É nessa *re-apresentação* que está a possibilidade de acerto e erro, de podermos corresponder na

<sup>53</sup> HUSSERL, Edmund. *Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*, p. 33.

<sup>54</sup> Τετραχῶς αἱ φαντασίαι γίνονται ἡμῖν. ἢ γὰρ ἔστι τινὰ καὶ οὕτως φαίνεται ἢ οὐκ ὄντα οὐδε φαίνεται ὅτι ἔστιν ἢ ἔστι καὶ οὐ φαίνεται ἢ οὐκ ἔστι καὶ φαίνεται.

articulação do *hegemonikon* com as coisas do mundo se elas parecem ser e são ou não parecem ser e não são, ou se elas parecem ser e não são ou não são e parecem ser. Já na segunda parte da citação em diante, ele usa o verbo *phainó*, que tem, para nós, um caráter epistemológico em relação à correspondência com a verdade, no sentido de revelar-se ou mostrar-se sendo ou não sendo aquilo que é. Mas o que quer dizer com *são e não parecem ser* ou *não são e parecem ser*? Essas duas últimas são aquelas *phantasiai* não devidamente examinadas e não espelham, portanto, o mundo. O que aparece não leva a uma correspondência daquilo que é, portanto leva a um pseudo-conhecimento e a uma falsidade.

Aquilo que poderíamos chamar da fenomenologia de Epicteto tem *a priori* um caráter *teológico* voltado ao *bem* e, portanto, valorativo. Esse caráter axiológico *a priori* aparece na frase *de acordo ou em harmonia* com a natureza. Em D I.XV.4 diz ele, “Em cada circunstância mantereí o *hegemonikon* em harmonia com a natureza (*kata physin*).” Mas se o *hegemonikon* tem um estado natural, que estado é esse? O de não cair nos desejos desmedidos e nas paixões. Essa é a concepção universal do *telos*. Mas em D IV.V.4-7 embora Epicteto fale de manter o *hegemonikon* em harmonia com a natureza, também diz que deve mantê-lo conectado a cada situação particular. Vir a ser um pretoriano?, pergunta ele. Não, mas se isso é dado a ele, tem que manter seu *hegemonikon* nessa circunstância. Essa é a concepção particular. Porém, essa fenomenologia está já vinculada ao bem. Bem descrever ou corresponder ao fato é bem perceber (no sentido de ver, tornar claro, então *phainó*) o valor *a priori* em cada fenômeno. Há então aí já um *a priori* e não uma redução fenomenológica husserliana típica. O fato “puro”, a evidência “pura” já é tomada pelo valor de bem. Esse *bem* pode ser correspondido à *causa final* em Aristóteles, aquilo em vista do quê algo é ou se efetiva<sup>55</sup>. Portanto, a fenomenologia epictetiana já tem um viés valorativo *a priori* e conta com as potências e estados da alma (*psiqué*) e tem como função um bem viver empírico.

Outra questão entre ambas as fenomenologias é que se o *hegemonikon* é a faculdade ou potência que lida com as *phantasiai* que vieram das *impressões* e, portanto, trata tanto do fenômeno (*phainó*) quanto do processo de bem utilizar as *phantasiai* (*chrésis phantasión*), ele seria o equivalente à consciência em Husserl lidar com aquilo que aparece<sup>56</sup>. A diferença é que a estrutura da consciência não teria nenhum conteúdo valorativo ou normativo, enquanto aquilo que lida com as *phantasiai* em Epicteto, o *hegemonikon*, já é *a priori* algo *bom* porque divino ou natural. A concepção de mundo fenomênico em Epicteto também já é valorativo pela condição de determinismo benevolente da natureza divina. Dinucci coloca que “É impossível que a natureza do mal exista no mundo, já que este segue leis imutáveis, invioláveis e harmônicas. Para os estoicos [e também para Epicteto], o mal substancial também não existe no homem, pois todo erro é fruto de uma falsa opinião<sup>57</sup>.”

<sup>55</sup> “[...] denomina-se ‘causa’ como o fim, ou seja, aquilo *em vista do quê*, por exemplo, do caminhar, a saúde; do fato, por que caminha? Dizemos, ‘a fim de que tenha saúde’ e, assim dizendo, julgamos ter dado a causa.” ARISTÓTELES. *Física I-II*. Trad. Lucas Angioni, Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2009, capítulo 3. 194<sup>b</sup>23.

<sup>56</sup> Para Husserl a consciência tem um caráter *intencional* da qual é um movimento em direção a um objeto que se apresenta a ela que não ela é mesma. E é na consciência que estão as condições de possibilidade da experiência.

<sup>57</sup> ARRIANO, Flávio. *O Encheiridion de Epicteto – Edição Bilingue*, p. 43.

Portanto, a abordagem do indivíduo às *impressões* e *phantasias* em Epicteto tem nuances daquilo que mais tarde chamaremos de uma fenomenologia. Há, em Epicteto, uma separação entre aquilo que nos chega (*phainó*) e como lidamos com essas *impressões*. Há uma certa *epoché* em Epicteto quando ele diz para não sermos arrebatados pelas *impressões*, no sentido de não sermos levados pelas aparências. Há em Epicteto uma busca de correspondência entre o fenômeno e a realidade, portanto não trata a realidade ‘nua e crua’ nem aceita a aparência do fenômeno como aquilo que é real. Porém, uma fenomenologia como a husserliana seria uma descrição *a posteriori* sem nenhum (ou mínimo) juízo de valor individual e do mundo (o mundo entre parênteses). Neste caso, apenas em relação às *impressões* Epicteto coloca essas características, mas ao começar a lidar com as *phantasiai* já elabora ali um juízo de valor do mundo e do indivíduo (como aquele que carrega uma centelha divina) que direciona as *phantasias* e a própria *phantasia kataleptike*.

Tentamos, de forma alguma, valorar uma fenomenologia epictetiana frente à fenomenologia husserliana, mas apenas relacionar alguns pontos em comum e diferenças para posicionar uma possível fenomenologia de Epicteto dentro da história ou da história da ideia de uma fenomenologia. Esse posicionamento é inicial e sujeito a revisões, mas coloca a ética do bem viver de Epicteto dentro de uma discussão da qual quase todos os filósofos que trataram dela – a fenomenologia – voltaram aos textos e referências da filosofia grega, seja em Aristóteles ou Platão e, agora, em Epicteto (ou no estoicismo enquanto escola). Dentro de um resumo do conceito de *fenômeno* e *fenomenologia*, como coloca Urbano Zilles, e do qual salientamos no início desse trabalho, *fenômeno* é aquilo que aparece, que se manifesta ou revela. Porém,

Com o tempo passou a entender-se por *fenômeno* a aparência enganosa, oposta à realidade. [...] Nessa perspectiva, Protágoras já afirma que podemos conhecer o que aparece, o fenômeno, mas não o que está atrás dele, o que se oculta [...] sobretudo no fenomenismo de D. Hume, para quem o fenômeno, único objeto de nosso conhecimento, está separado da coisa em si. I. Kant canonizou tal separação entre o *fenômeno* e a *coisa em si* [...] distinguindo entre “objetos da experiência” (fenômenos) e “coisas em si”, transcendentem à experiência e incognoscíveis. [...] Edmund Husserl considera inaceitável o postulado de que aquilo que aparece na experiência atual não é a verdadeira coisa. Deu novo significado à fenomenologia, encerrando o fenômeno no campo imanente da consciência<sup>58</sup>.

Pensamos que em Epicteto há muito dessa preocupação husserliana de considerar o *fenômeno* como ligado à experiência e de que, devidamente elaborada a *phantasia*, através da articulação – do *hegemonikon* ou da *consciência transcendental* - entre indivíduo e mundo, pode-se chegar à coisa em si mesma, à evidência fundamental e à essência daquilo que é. Seja para fundar a ciência de todas as ciências ou para efetivar uma ética do bem viver, seja para uma fenomenologia *eidética* ou para uma fenomenologia *psicológica*.

Então, voltamos à frase que diz Epicteto em D I.XXVIII.10, “para o homem, a medida de todas as coisas é o que aparece”, salientando apenas que aquilo que aparece só revelará o que é se ele já tiver algumas pré-concepções de *bem*, de si mesmo, de valor e de mundo.

<sup>58</sup> HUSSERL, Edmund. A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia. 2ª ed. Trad. Urbano Zilles, Porto Alegre : EDIPUCRS, 2002, p.17-18.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARNIM, Ioannes. *Stoicorum Veterum Fragmenta*. Vol. II – *Chrysippi Fragmenta – Logica et Physica*. Germany: Steriotipa, 1964.
- ARISTÓTELES. *Física I-II*. Trad. Lucas Angioni, Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2009.
- ARRIANO, Flávio. *O Encheirídion de Epicteto – Edição Bilingue*. Trad. Aldo Dinucci e Alfredo Julien, São Cristóvão/SE: Universidade Federal de Sergipe, 2012.
- ARRIEN. *Manuel d'Épictète*. Trad. Pierre Hadot, Paris : Librairie Générale Française, 2000.
- DINUCCI, Aldo; DUARTE, Valter. *Introdução à Lógica Proposicional Estoica*. São Cristóvão: Editora UFS, 2016.
- DINUCCI, Aldo. *O Conceito Estoico de Phantasia: de Zenão a Crísipo*. In. Archai nº 21, 2017, sep.-dec., pp. 15-38.
- \_\_\_\_\_. *Phantasia, phainomenon e dogma em Epicteto*. In. DINUCCI, Aldo (org.). *Anais do V Seminário Viva Vox*. Aracaju: Infographics, 2018, pp.43-74.
- ENGBERG-PEDERSEN, Troels. *The Stoic Theory of Oikeiosis: Moral Development and Social Interaction in Early Stoic Philosophy*. Denmark: Aarhus University Press, 1990.
- FONTOURA, Fernando. *A Ética do Bem Viver em Epicteto*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2007.
- HUUSERL, Edmund. *A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia*. 2ª ed. Trad. Urbano Zilles, Porto Alegre : EDIPUCRS, 2002.
- \_\_\_\_\_. *A Ideia da Fenomenologia*, 2ª ed. Trad. Artur Morão, Lisboa: Edições 70, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Ideias para uma Fenomenologia pura e para uma Filosofia Fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. 5ª ed. Trad. Márcio Suzuki, Aparecida/SP: Ideias & Letras, 2006.
- OLDFATHER, W. A. *Epictetus – the discourses as reported by Arrian, the manual and fragments*. Vol. I Discourses Books I and II, London: Harvard University Press, 1956.
- \_\_\_\_\_. *Epictetus – the discourses as reported by Arrian, the manual and fragments*. Vol. II Discourses Books III and IV, the manual and fragments, London: Harvard University Press, 1952.
- OLIVEIRA, Fernanda Lopes de. *A Tanatologia em Epicteto*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.
- RODRIGUES, Antônio Carlos de Oliveira. *Filosofia do Desapego: a Áskesis de desapropriação epictetiana à luz da Kátharsis do Fédon de Platão*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017.
- SANTOS, Marcelo Barreto dos. *A Phantasia Kataléptike em Epicteto*. In DINUCCI, Aldo (org.). *Anais do V Seminário Viva Vox*. Aracaju: Infographics, 2018, pp 31-42.
- VALENTE, P. Milton. *L'Éthique Stoicienne Chez Cicéron*. Paris: Librairie Saint-Paul, 1956.